

RESENHA: VERDADE, CADA UM POSSUI A SUA

REVIEW: TRUTH, EACH ONE HAS HIS OR HER OWN

Gean Paulo Gonçalves Santana*

That would be my metaphysical definition of truth; something so personal that the same truth could never be appreciated by two minds.

Oscar Wilde

Cacau, vozes e orixás na escrita de Jorge Amado (Edipucrs, 2013, 204 páginas), organizado por Biagio D'Angelo e Márcia Rios, nasce de duas linhas convergentes: por um lado, uma paixão e um entusiasmo pela obra amadina; por outro, a necessidade de uma homenagem ao autor de *Gabriela, cravo e canela*, que provenha das regiões Sul do Brasil. Uma escrita em *ekos*, palavras e poucas omissões que se estende em muitas vozes, convergindo-as em três capítulos; *I Jorge Amado: uma biografia textual*, *II Amado sob um prisma teórico*; *III Amado: reconhecimento(s), história(s), mercado(s)*.

Um grande “tabuleiro” semântico e identitário, cujo fio de “azeite de dendê”, aqui traduzido como a própria intersubjetividade presente nas obras do autor, revela marcas do artista que, ao decompor a representação objetiva da realidade,

* Possui graduação em Letras pela Universidade do Estado da Bahia (1997). Especialista em Linguística Textual – análise do discurso pela UNEB (2000). Formação em Psicanálise pela ESPO – Escola Superior de Psicanálise e Orientação (2003). Mestre em Educação e Contemporaneidade pela Universidade do Estado da Bahia (2008). Doutorando do Programa de Pós-graduação – DINTER, da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul – PUCRS e da Universidade do Estado da Bahia – UNEB, na área de Teoria da literatura: Literatura, memória e história: representações literárias regionais. Atualmente é Professor Assistente da Universidade do Estado da Bahia. Contato: fratergean@yahoo.com.br.

evidencia “um universo mítico, antropológico e arquivístico que constitui o discurso cultural do continente latino-americano” (p. 73).

No primeiro capítulo, vida e obra do escritor coadunam e constituem “lugares de memórias”, propícios aos enredos e personagens, cuja baianidade/brasilidade, com toque peculiar, ritualístico-performático, transitam do “beco” ao “belo”. Nessa porta de inicial, sobre os elementos presentes na escrita de Jorge Amado, há vários convites de entrada; entretanto, “ os sons das vozes não são ouvidos. Só os fortes indícios. Resta-nos buscá-los [...]” (p.24) nas encruzilhadas dos romances, dos espaços, de sua gente e, no próprio autor, como a figura mítica Exu. De acordo com o texto de abertura *Um lugar de memória na rua Alagoinhas*, 33, de autoria de Alzira Queiróz Gondim Tude de Sá,

quando se volta para as questões que envolvem a poética do espaço, aponta para o fato de que, em busca da casa dos sonhos, em determinados momentos das nossas vidas, somos levados a olhar todo lugar como um lugar possível de erigir-se casas e, através da imaginação, chegamos a habitar por instantes, lugares possíveis (p. 14).

Amado sob um prisma teórico, indubitavelmente, convoca o leitor a uma releitura ao apresentar os rasgos poéticos e autóctones do autor. Rer Jorge Amado consiste em saber distinguir as duas fases de sua narrativa: a primeira, “uma literatura participante, na qual realismo e romantismo, humanitarismo e denuncia se fundem a serviço de uma ideia” (p. 69) e, outra, “sem dúvida a mais popular, constitui uma virada original [...]” (p. 69) a que se pode definir como “carnavalesca”, uma poética antinomia.

Em Dona Flor e seus dois carnavais, de Biagio D’Angelo, Rabelais, Bakhtin, DaMatta, dentre outros, são evocados à cena discursiva para mediar o duplo da carnavalização.

Dona Flor é uma personagem dupla, como o é sua escolha final ao ficar, impecavelmente com dois maridos. Sua duplicidade vem de sua sensibilidade “unitária”, um conjunto quase medieval de corpo e alma, de desejos físicos e pulsões metafísicas (p. 71).

Ainda, sob o prisma teórico da releitura, em *A magia irônica dos pássaros num conto de Jorge Amado*, Edilene Matos, a miúde, discute as reentrâncias de

homem, sociedade e mundo; uma baía plural, para além das topografias geográficas, baía de barcaças, de todos os cantos e de todos os santos, pois um só amor não basta ao coração dessa gente.

Amado de mil olhos, em sua caleidoscópica mirada, não foi somente o habilíssimo captador da alma humana, mas o antenado militante e pensador, atento às potencialidades significativas das pequenas proezas do homem comum [...] um pescador de essências [...] (p. 81).

Cacau, vozes e orixás na escrita de Jorge Amado apresenta habilidades do autor baiano em intercambiar experiências do vivido e do contado, de modo a explicitar um autor seguro e inalienável na arte de narrar que, para muitos, encontra-se em vias de extinção. Notoriamente, Amado, com sua linguagem, ultrapassa a simples ligação entre episódios e preceitos. Em *Tereza Batista – uma heroína viva em texto e imagem*, de Jerusa Pires Ferreira, apresenta-se um olhar amadino que “procura empreender a síntese épica em que se percorrem muitas direções, e em que se confirma uma profunda ligação da literatura com vários planos da cultura popular” (p. 90).

Para falar de Tereza em Cabarés de Aracaju, brigona e valente, o autor levanta toda uma série, transformando o segmento em verdadeiro documentário, o que às vezes nos faz sentir diante de uma novela de costumes. Ao mesmo tempo, introduz técnicas da literatura de cordel, a exemplo, a menina que sangrou o capitão. Numa espécie de gesta do sexo e dos duendes, filiação ao medievo ibérico-brasileiro, constrói adiante recursos folhetinescos e cria interferência pop (p. 88).

(...)

Sua pretensão com isso é criar no leitor a sensação de estar escutando os acontecimentos da boca de um contador, o qual confere a seu texto uma marca inequívoca de veracidade (p. 112).

Se os capítulos predecessores, respectivamente, ilustram “lugares da memória” e “lugares comuns”, ressignificando-os em releituras que, por si, permitem “iluminar a continuidade literária e o parentesco de textos distantes no tempo infinito e reversível da leitura” (p. 69), o *III Amado: reconhecimento(s), história(s), mercado(s)* intercambia “lugares da memória” e os “lugares comuns”. Do mesmo modo, refere-se à obra amadina, à semelhança de seus personagens: “rebelde aos fáceis em que a crítica pretende enquadrá-la” (p. 119).

Como toda sociedade é uma invenção de seus integrantes, não há como acreditar que este Brasil que nós inventamos – e reinventamos todos os dias – seria o mesmo sem Jorge Amado (p. 135).

Ainda, no terceiro capítulo, porta de saída e porto para muitas viagens, homossexualismo, conflito e familiaridade, o delito como prática social, história e historicidade no país do carnaval, estendem-se como as águas que tocam o cais, o caos, e as demarcações “entre uma cultura que representa o status quo e a que está à margem” (p. 163) e, apenas de longe, sonham com a *Terra do sem fim*.

Cacau, vozes e orixás na escrita de Jorge Amado, com suas especiarias, próprias de um tabuleiro literário, é um belo convite a navegar nas águas amadinas.

Referência

D'ANGELO, Biagio; RIOS, Márcia (orgs.) *Cacau, vozes e orixás na escrita de Jorge Amado*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2013.

Recebida em abril de 2013.

Aceita em junho de 2013.